

EXPOSIÇÃO

# ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:

A Amazônia é agora!  
A Amazônia somos nós!



ARTIGO<sup>19</sup>

# A

exposição "Arte, Amazônia e seus Povos: A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!", iniciativa da ARTIGO 19 Brasil e América do Sul, reúne obras de 18 artistas, coletivos e comunicadores de diversas regiões do país, celebrando a força criativa, política e ancestral da Amazônia e de seus povos.

Com linguagens que atravessam a fotografia documental, o bordado, a pintura, a performance, a arte digital, a ilustração e outras formas híbridas de expressão, as obras convidam o público a reconhecer a Amazônia não apenas como bioma, mas como território vivo — habitado, construído e defendido por comunidades que sustentam a floresta com saberes, memória, trabalho e resistência.

Selecionadas por sua potência poética, clareza de mensagem, consistência conceitual e diversidade territorial, as criações dialogam diretamente com os desafios da COP 30, que aconteceu em Belém do Pará em 2025, e com as urgências de justiça climática, soberania dos povos tradicionais e proteção da biodiversidade. A exposição prioriza artistas da Região Norte e contempla também criadores de outros estados que mantêm vínculo direto com as discussões amazônicas. Tivemos representantes de Roraima, Rondônia, Amazonas, Pará, Acre, Maranhão, Ceará, Alagoas, Mato Grosso, Goiás, Minas Gerais e Rio de Janeiro

Entre os destaques, estão obras que reinterpretam ancestralidades indígenas; que denunciam impactos ambientais como queimadas, poluição dos rios e avanço da monocultura; que registram a vida ribeirinha, quilombola e comunitária; que documentam marchas, mobilizações e deslocamentos de povos amazônicos rumo à COP; que celebram rituais, gestos cotidianos e vínculos com o território; e que reafirmam a arte como ferramenta de luta, memória e imaginação política.

Dos corpos-floresta às paisagens de resistência; das narrativas de mulheres indígenas e periféricas aos registros da vida ribeirinha; da fabulação crítica sobre “bactérias de plásticos” às imagens que expõem a seca, a cheia, a fumaça e os ciclos extremos vividos pelo Acre; dos bordados que “reflorestam” a imagem às fotografias que denunciam a crise climática no cotidiano — cada obra afirma, à sua maneira, que a Amazônia somos nós.

Essa coleção plural revela que a arte é uma linguagem essencial para fortalecer o debate público, ampliar vozes silenciadas e promover o direito à livre expressão — fundamento democrático indispensável para enfrentar as desigualdades socioambientais e construir futuros possíveis. Ao percorrer a exposição, o público é convidado a enxergar a Amazônia para além dos imaginários distantes: aqui, ela se apresenta como território de luta, de afeto, de diversidade e de esperança. Um território que pulsa em cada artista, em cada povo, em cada rio e em cada gesto de criação.

**“A Amazônia é agora!  
A Amazônia somos nós!”  
não é apenas o título da mostra.  
É um chamado urgente — político,  
poético e coletivo — para agir, escutar  
e proteger quem protege a floresta.**

## Artes, Amazônia e territórios de vidas

por Emerson Caldas<sup>1</sup>  
CURADOR

**E**xiste o tema Amazônia, e existem as vidas amazônicas. Em diálogo com o pensamento do sociólogo Guerreiro Ramos<sup>2</sup>, ao tratar das questões da população negra no Brasil, estabeleço esse paralelo para refletir sobre tema e vida, ao falar das Amazônias, no plural, dada a sua extensão territorial nacional e internacional com multiplicidades e complexidades. Por isso é essencial uma perspectiva que reconheça as Amazônias em seu caráter de vidas pulsantes, e não somente como um tema, enquadrado, estático e reduzido.

Neste sentido, a urgência da ruptura de uma visão tematizada que insiste em estereótipos, simplificações e exotificação que corroboram com as violências, expropriações e explorações de narrativas, sujeitos e naturezas amazônicas. Reconhecer as vidas amazônicas em suas múltiplas dimensões, abre caminhos para identificação das potencialidades artísticas, sociais, culturais e políticas construídas a partir daqui.

Desta maneira, um dos caminhos possíveis à mudança dos modos de perceber e ver as Amazônias, está no universo artístico, imagético, sensorial e visual construído por artistas que produzem com os corpos, mentes e sentidos fincados e comprometidos com as vidas amazônicas. Mergulhando nos rios, adentrando nas matas, pedimos licença às encantarias, demonstrando respeito e cuidado com as vidas de seres humanos, mais-que-humanos, visíveis e não visíveis, reconhecendo as naturezas com suas agências e direitos. Em tudo há vida, sentida no silêncio, respeito e escuta cuidadosa.

Entre comunidades quilombolas, indígenas, ribeirinhas e periféricas, sobrevivendo, lutando e resistindo nas vilas, aldeias, assentamentos, nos interiores e nas cidades, há conhecimentos e sabedorias ancestrais germinando e crescendo nas roças, quintais, florestas, rios, e igarapés. Artistas, poetas e intelectuais comprometidos com as mudanças e rupturas das visões racistas e coloniais sobre a região, seguem construindo seus trabalhos a partir deste contato, por isso, criam fissuras e rupturas com as perspectivas que violentam

as vidas amazônicas. Essas produções artísticas são caminhos para o restabelecimento de conexão com a vida. Por isso, a necessidade de nos voltarmos às artes que são produzidas a partir de pesquisas, vivências, experiências, contatos, sensibilidades, sonhos, memórias e sons das Amazônias vivas e diversas. E não daquilo que é apresentado como um produto capitalizado pela espetacularização monetizada de imagens e cenários que enclausuram uma Amazônia, a partir de perspectivas estrangeiras e distantes.

Na seleção das obras presentes na exposição, há o protagonismo e a agência dos rios, como lugar de movimentações de vidas, passagens e trabalhos. Neste movimento, as moradias expõem as tecnologias da estética, tecnologias e modos de criação da arquitetura ribeirinha. Assim como, na coreografia estabelecida entre peixes, pessoas, barcos e canoas navegando pelas águas, nos acontecimentos ocorrendo nas beiradas, meios e fundos de rios, dançando no ritmo das águas, coreografadas pelos tempos das chuvas, ventos e sóis.

Nossos rios e igarapés de águas doces são guardiões de memórias que nos constituem, nessas águas mergulhamos, observamos e refletimos, pois nossos corpos também são feitos de rios. Com respeito a este território sagrado que nos nutre, tecemos as redes à pesca, preservando a soberania e cultura alimentar. Tratando o peixe no girau, assando e cozinhando no fogo à lenha ou no fogão, há conversas, risadas e costumes que vão sendo passados entre gerações.

Vida e arte caminham juntas, em nossas pinturas, fotografias, performances, colagens e em outras formas de expressão, demonstramos a beleza e as poéticas amazônicas, mas também denunciemos as violências, a crise climática, a poluição dos rios, a destruição das florestas, as violências cometidas pelo Estado contra as comunidades indígenas, quilombolas, negras e periféricas.

As criações artísticas nos convidam à apreciação e reflexão constante, olhe para cima também, verá a imensidão de nossa natureza, em nossas árvores centenárias cobrindo os céus. Escute e sinta com atenção aqueles sons e vibrações presentes nas calmarias das matas, há muito o que aprender com as vidas das plantas, folhas, flores, raízes e árvores.

Em um diálogo com o Mestre quilombola Nego Bispo<sup>3</sup>, podemos dizer que essas obras produzidas a partir das Amazônias, possuem a biointeração em seus modos de feitura, apresentações e poéticas. Trazendo o botâni-

co Stefano Mancuso<sup>4</sup> para a reflexão, ressalto também a forte presença da bioinspiração nas produções artísticas premiadas nesta exposição.

Nesta simbiose, biointerativa e bioinspirada, seres humanos se transmutam em botos, rios, plantas, bactérias e flores, revelando aquilo que o poeta João de Jesus Paes Loureiro<sup>5</sup> conceitua como a poética do imaginário amazônico. Onde há beleza e poesia, também emergem lutas, movimentos de denúncia, esperanças e transformações de um povo que trabalha, cria e caminha em busca de condições dignas para viver.

Navegando pelas ruas ou caminhando nas estradas, compreendemos que a luta é coletiva, afetiva e transformadora. Rompendo o silêncio secular, gritamos, celebramos, choramos e sorrimos. Em marcha, dizemos não ao petróleo e ao capitalismo verde que é enganação. Lutamos pela reforma agrária já! Na marcha pelo bem viver, exigimos justiça climática, denunciando o racismo ambiental. Em nossas cabeças o cocar ou o turbante, nas mãos as maracás e tambores. Em nossos toques lembramos daqueles que já se foram.

Valorizamos as nossas sabedorias e conhecimentos, por isso afirmamos: sem o conhecimento das tecnologias ancestrais indígenas e quilombolas não haverá solução climática. Acreditamos no presente e no futuro, por isso seguimos com nossas cosmopercepções, naturezas e corpos que transitam entre tempos no território de Abya Yala. Nossas lutas históricas seguem rumo à liberdade, mesmo diante das políticas de empobrecimento e exploração de nossas comunidades que destroem a biodiversidade de nossa região. E ainda assim, através das artes, encontramos lugar para os sonhos, onde as vidas podem seguir existindo em seus fluxos livres, naturais e potentes.

---

<sup>1</sup> Emerson Caldas é cientista Social formado pela Universidade do Estado do Pará, Mestrando em Artes no PPGArtes da Universidade Federal do Pará. Pesquisa na confluência entre Artes Visuais e Antropologia. Integrante do Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará — CEDENPA, do Coletivo de artistas negres *Ilustra Pretice e da Sala de Tatá Kinamboji de Arte e Cultura AfroAmazônica*.

<sup>2</sup> RAMOS, Alberto Guerreiro. *Introdução crítica à sociologia brasileira*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

<sup>3</sup> BISPO DOS SANTOS, Antônio. *A terra dá, a terra quer. Imagens de Santídio Pereira; texto de orelha de Malcom Ferdinand*. São Paulo: Ubu Editora/PISEAGRAMA, 2023

<sup>4</sup> MANCUSO, Stefano. *Revolução das plantas: um novo modelo para o futuro*. Traduzido por Regina Silva. São Paulo: Ubu Editora, 2019.

<sup>5</sup> LOUREIRO, João de Jesus Paes. *João de Jesus Paes Loureiro: obras reunida: poesia I*. São Paulo: Escrituras Editora, 2001.

EXPOSIÇÃO

## ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:

A Amazônia é agora!  
A Amazônia somos nós!

A

exposição "Arte, Amazônia e seus povos: a Amazônia é agora! A Amazônia somos nós", está dividida em 4 eixos curatoriais, "**A vida nas águas**", "**Aparições simbióticas**", "**Crescer na terra**" e "**Sonhos em movimento**", enquanto caminhos possíveis para leitura e apreciação dos trabalhos artísticos. Essa divisão curatorial, possui caráter didático-pedagógico às possíveis leituras e aberturas que os trabalhos nos apresentam. Além disso, vale destacar que os eixos dialogam entre si, e são como convites para adentrar no universo imagético criado pelas/os artistas. Ao apresentarem as vidas amazônicas como ponto central às suas criações, demonstram o compromisso de suas percepções poéticas, sensíveis, políticas e revolucionárias sobre este território vivo e pulsante.

# A vida nas águas

Neste eixo, o público leitor é convidado a apreciar obras que trazem em suas conceituações e poéticas, as águas enquanto centralidade às vidas amazônicas. Em um mergulho que perpassa por memórias de águas e suas relações com a defesa do território amazônico, cultura alimentar e vivências nos rios, através de fotografias e pinturas. As águas narram e protagonizam os conflitos, os caminhos e as histórias que atravessam rios de lembranças.

**Artistas — PH Costa “Memória visual do Vale do Juruá: Amazônia acreana em tempos extremos climáticos”, Aline Fidelix “Território que alimenta”, Paulo Cantalice “O cardume”, Dighetto “Entre Rios”.**

# PH Costa

(Cruzeiro do Sul, Acre)

@phcosta\_fotos

## Memória visual do Vale do Juruá: a Amazônia acreana em tempos extremos climáticos

“Memória visual do Vale do Juruá: a Amazônia acreana em tempos extremos climáticos” é um projeto de longo prazo que propõe uma escuta visual de um território amazônico localizado no extremo norte do país, a partir de um olhar interno, afetivo e político. As imagens foram realizadas no Vale do Juruá, interior do estado do Acre e extremo oeste da Amazônia brasileira, onde o avanço da crise climática se manifesta com intensidade crescente por meio de secas severas, enchentes históricas, queimadas e fumaça que encobrem o céu. Dividida em quatro ciclos: seca, fumaça, cheia e novas queimadas, a obra traduz em linguagem visual a repetição acelerada desses fenômenos como sintomas da emergência climática e da negligência histórica em relação às populações amazônidas.

O conceito da série parte da ideia de memória como resistência: registrar é também preservar a experiência coletiva de um território que luta diariamente para existir. As imagens revelam um Acre real, pulsante e habitado (distante das representações exóticas que ainda predominam sobre a Amazônia). Ao mesmo tempo em que documenta os efeitos do colapso ambiental, a obra afirma a resistência dos povos que habitam o Vale do Juruá frente a esses eventos climáticos, reafirmando que a floresta é viva porque é feita de gente, de cuidado, de cultura e de afeto.

A mensagem central da obra dialoga diretamente com o tema “Arte, Amazônia e seus Povos: A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!” ao afirmar que a Amazônia não é um lugar futuro, mas um presente urgente. A série denuncia a desigualdade climática e o racismo ambiental que tornam a região Norte um dos epicentros das injustiças socioambientais do país, ao mesmo tempo em que reivindica o direito à permanência e à autodeterminação de seus povos.

As fotografias presentes nesse projeto convidam à reflexão sobre quem realmente paga o preço da crise climática e sobre quem tem o direito de narrar a Amazônia.

Sou um homem amazônida, negro, gay e comunicador socioambiental, nascido no coração do Juruá. Minha criação parte do lugar de pertencimento e da vivência direta com os povos da floresta. Através da fotografia, busco transformar a arte em espaço de denúncia, escuta e esperança. Memória visual do Vale do Juruá é, assim, uma tentativa de dizer que a Amazônia acreana é um território vivo, plural e ameaçado. Embora constantemente esse território seja excluído das narrativas nacionais, nós estamos aqui resistindo e construindo a floresta, afinal, nós somos a região coração do mundo.

## Biografia

Me chamo Paulo Henrique Costa. Sou um homem negro, gay, amazônida, fotógrafo autodidata (comecei a fotografar em 2024) com abordagem autoral/documental e comunicador socioambiental, nascido em Cruzeiro do Sul, Acre, coração da floresta amazônica. Possuo mestrado em Ciências Ambientais e graduação em Engenharia Agrônômica, com sólida atuação em projetos socioambientais junto a comunidades tradicionais da região.

Concentro meu olhar fotográfico nas amazonidades acreanas e no cotidiano dos povos amazônidas, das comunidades tradicionais, nos impactos das mudanças climáticas e na relação das pessoas com a floresta e seus territórios. Minhas imagens evidenciam a singularidade cultural e paisagística do Acre, promovendo a fotografia como ferramenta de resistência frente ao apagamento histórico e geográfico ao qual estamos submetidos, e como instrumento de transformação social.

Em 2025, meu primeiro fotolivro artesanal, intitulado *Vidas Amazônidas: retratos de um Acre que resiste*, foi lançado em Paris, durante um evento promovido pela Initial LABO em parceria com a Porto de Cultura. Em 2024, fui contemplado com o Prêmio Funarte Marc Ferrez de Fotografia – 17ª Edição, da Fundação Nacional de Artes (Funarte), com o Prêmio Fotolivro Artesanal, do 4º Festival PhotoThings, e com o Concurso de Fotografia do CAU/AC, promovido pelo Conselho de Arquitetura e Urbanismo do Acre.

Participei de exposições internacionais, como *¡Mi tierra tiene palmeras y palmares, donde cantan los zorzal!*, realizada nos espaços da Red de Fábricas de Artes y Oficios (FA-ROs), na Cidade do México, além de diversas exposições nacionais. Entre elas, destaco a mostra *Olhares & Territórios*, do Colóquio de Fotografia da Bahia 2025, que aconteceu no Museu de Arte da Bahia (da qual fui o único participante da região Norte selecionado) a exposição coletiva do Festival de Fotografia de São Paulo (FFSP), a mostra do III FotoKariri – Olhares Acessíveis e a exposição de reabertura da Casa Brasil que acontecerá agora em novembro no Rio de Janeiro.

Esse ano também lancei meu segundo fotolivro *“Raízes do Juruá: retratos da amazônia acreana”* aqui no Acre e em São Paulo.

Também fui finalista de dois importantes concursos internacionais de fotografia: *The Silent Beauty*, da Exposure Photo Gallery, e o projeto de arte pública *The Gallery*, da organização britânica Artichoke. Integro o Coletivo Rua Brasil, grupo que conecta fotógrafos e artistas visuais em diferentes regiões do país, e sigo desenvolvendo projetos que unem arte, memória e justiça climática como ferramentas de resistência e afirmação da vida na Amazônia.

Também já executei diversos projetos em comunidades tradicionais e entre 2024 e 2025 trabalhei na Organização dos Povos Indígenas do Rio Juruá, no projeto *Gestão Territorial* financiado pelo Fundo Amazônia, que está sendo executado em 13 territórios indígenas do Vale do Juruá



PH Costa (phcosta\_fotos),  
Série "Memória visual do Vale  
do Juruá: a Amazônia acreana  
em tempos extremos climáticos",  
Fotografia, 2024/2025.











ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:



15

A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!

# Aline Fidelix

(Manaus, Amazonas)

@alinefidelix

## Território que Alimenta

O projeto fotográfico investiga práticas alimentares em territórios amazônicos a partir de registros realizados na Comunidade Quilombola Arapucu, em Óbidos (PA), e na comunidade São Raimundo, em Carauari (AM). As imagens documentam formas de obtenção, preparo e consumo de alimentos, com destaque para o peixe, base da alimentação local.

A série observa como essas comunidades estruturam sua relação com o território por meio da alimentação, lidando com distâncias, limitações de acesso e métodos tradicionais de organização do trabalho doméstico e coletivo. Também evidencia a relevância de receitas e técnicas transmitidas oralmente, muitas delas restritas ao uso comunitário e ao conhecimento de grupos específicos.

Registrar essas práticas contribui para ampliar o entendimento sobre segurança alimentar, sustentabilidade e autonomia em regiões onde o alimento depende diretamente do ambiente, da disponibilidade das águas e das formas de manejo locais. O trabalho reforça a importância de reconhecer e preservar saberes culinários que sustentam a vida amazônica, mas que raramente são incorporados às discussões formais sobre políticas públicas ou às narrativas predominantes do país.

## Biografia

Aline Fidelix é fotógrafa e cineasta manauara, mulher preta e mãe, com atuação no audiovisual desde 2012. Sua trajetória se desenvolve principalmente a partir de trabalhos independentes na Amazônia, registrando dinâmicas sociais, práticas tradicionais e aspectos culturais e ambientais da região. Como fundadora da Cupana Filmes, trabalha de forma contínua com comunidades rurais e tradicionais, produzindo imagens que refletem o cotidiano, o território e as relações entre natureza e sociedade, sempre evitando abordagens estereotipadas.

Sua formação inclui o Taller de Realización de Documentales da EICTV (Cuba) e o programa Black Brazil Unspoken – Warner Bros. Discovery, voltado à diversidade e à direção cinematográfica. Aline mantém uma prática centrada no campo, construindo sua pesquisa visual a partir da observação direta e de experiências com diferentes contextos amazônicos. Seu trabalho busca contribuir para ampliar as representações do Norte do Brasil e fortalecer narrativas que dialogam com a realidade socioambiental da região.



Aline Fidelix (@alinefidelixx),  
Série "Território que Alimenta",  
Fotografia, 2024/2025.

ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:



17

A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!



ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:











# Paulo Cantalice

(Borba, Amazonas)

@paulo\_cantalice

## O Cardume

Transmitir através das cores e formas a necessidade da perfeita harmonia entre homem e natureza. A arte da Amazônia está no rosto do Índigena, do branco e do caboclo. A arte da Amazônia está na água não poluída dos rios e no peixe sem contaminação por mercúrio.

## Biografia

Sou artista plástico autodidata, porém, desde o ano de 2000 estudo teoria da Pintura, através de uma coletânea da editora Globo de 1986. Hoje sou agente cultural pela Secretaria de Estado da Cultura e Economia Criativa do Amazonas. Fui contemplado em quatro editais de fomento à arte, todos já executados e com prestação de contas em dia. Minhas obras estão expostas nas redes sociais, em plataformas como Facebook, Instagram e YouTube.



# Dighetto

(Manaus, Amazonas)

@dighetto

## Entre Rios

“Entre Rios” mostra o rosto indígena meio submerso para simbolizar a conexão vital entre povo e água na Amazônia. A obra revela que o rio não é paisagem, é identidade e que preservar o território passa por ouvir quem historicamente o protege. No contexto da COP30, a fotografia reforça a urgência de reconhecer os povos amazônicos como protagonistas nas decisões climáticas e guardiões vivos da floresta e de suas águas.

## Biografia

Dighetto é um jovem líder comunitário, artista visual e articulador cultural, nascido e criado em território periférico, onde desenvolveu desde cedo um olhar atento para as histórias que habitam lugares à margem dos discursos oficiais. Aos 16 anos iniciou seu primeiro projeto fotográfico com amigos, registrando a vida cotidiana da comunidade Nepal e despertando seu interesse pela documentação social, identidade e memória coletiva. A fotografia, para ele, tornou-se mais do que linguagem virou ferramenta de afirmação, narrativa e autonomia.

Aos 19 anos, sua atuação se expandiu do registro visual para o impacto comunitário direto, consolidando sua participação como liderança no Movimento Nepal Vive (MNV), coletivo amazônico que atua em fortalecimento cultural, educação informal, circulação de conhecimento e incentivo ao protagonismo jovem. O MNV desenvolve ações que atravessam arte, literatura, cinema comunitário, eventos culturais, campanhas de apoio social e ocupação de espaços públicos, sempre com o lema: “agir em comunidade dentro da comunidade”.



Dighetto (@dighetto),  
Entre Rios,  
Fotografia



# Aparições , simbióticas

Em aparições simbióticas, adentramos em um conjunto de obras que trazem as relações entre arte, natureza, seres humanos, não humanos, visíveis e invisíveis, através de fotoperformances, pinturas e fotografias bordadas. E neste entrelace, o público leitor é convidado à fabulação, criação e imaginação junto aos artistas, para assim também serem parte da simbiose proposta em cada produção.

**Artistas – Leonardo Costa Braga “A Fábula das Bactérias de Plásticos do Rio Negro”, Natany Rodrigues “Marina e a Flor-da-lua na Amazônia”, Aline Brant “Amanhã em Mim: Ressurgência Bordada”, Ana Mundim.**

# LEONARDO COSTA BRAGA

(Belo Horizonte, Minas Gerais)

@leonardocostabraga

## A Fábula das Bactérias de Plásticos do Rio Negro

Por volta do início do ano 2020, no Rio Negro, o segundo maior rio do mundo em volume de água e o maior afluente do Rio Amazonas, se descobriu uma epidemia das "Bactérias de Plásticos". Estes seres viviam abaixo da superfície do rio, eram como monstros de plásticos que iam se quebrando em milhões de fragmentos e contaminando o intestino e vias respiratórias de quase todos os animais aquáticos e seres humanos da Amazônia, tendo consequências graves para a sobrevivência de todo o ecossistema da maior floresta Tropical do mundo. A epidemia foi tão devastadora, que dos rios se estendeu aos oceanos.

Por volta de 2050 haviam mais "bactérias plásticas" que todos os tipos de seres vivos aquáticos, numa destruição monstruosa da cadeia de reprodução da vida animal e da possibilidade de alimentação aos seres humanos.

O ensaio fotográfico propõe que existe uma interdependência entre todos os corpos em movimento no Planeta Terra, questionando o discurso que o "Ser Humano" é uma entidade diferenciada e superior a própria Natureza. Por outro lado, coloca os objetos artificiais, como o plástico, em uma derivação mutante da própria representação do corpo e da mente humana, como se fosse uma Inteligência artificial que se volta contra o seu criador e o aniquila, sufocando seus recursos naturais e órgãos biológicos. Na fábula fotográfica coloco meu próprio corpo numa simbiose com os animais aquáticos, na possibilidade de uma união e sobrevivência dos seres vivos contra a destruição e dominação pelas "Bactérias de Plásticos".

Apenas para termos alguns dados científicos do problema, o Laboratório de Ecologia e Conservação da Universidade Federal do Pará, observou que 98% dos peixes coletados em nascentes e rios amazônicos estavam contaminados com algum tipo de plástico; em média cada espécie tinha seis pedaços de plásticos dentro do corpo. O Rio Amazonas, junção do Rio Negro com o Rio Solimões, quando chega no Oceano Atlântico despeja cento e cinquenta mil toneladas de resíduos sólidos, dos quais 80% são plásticos.

### Biografia

Leonardo Costa Braga nasceu em 1973. Brasileiro, morou em diversas cidades, montanhas, rios, mares, vilarejos, convivendo com centenas de tipos diferentes de pessoas, culturas e experiências.

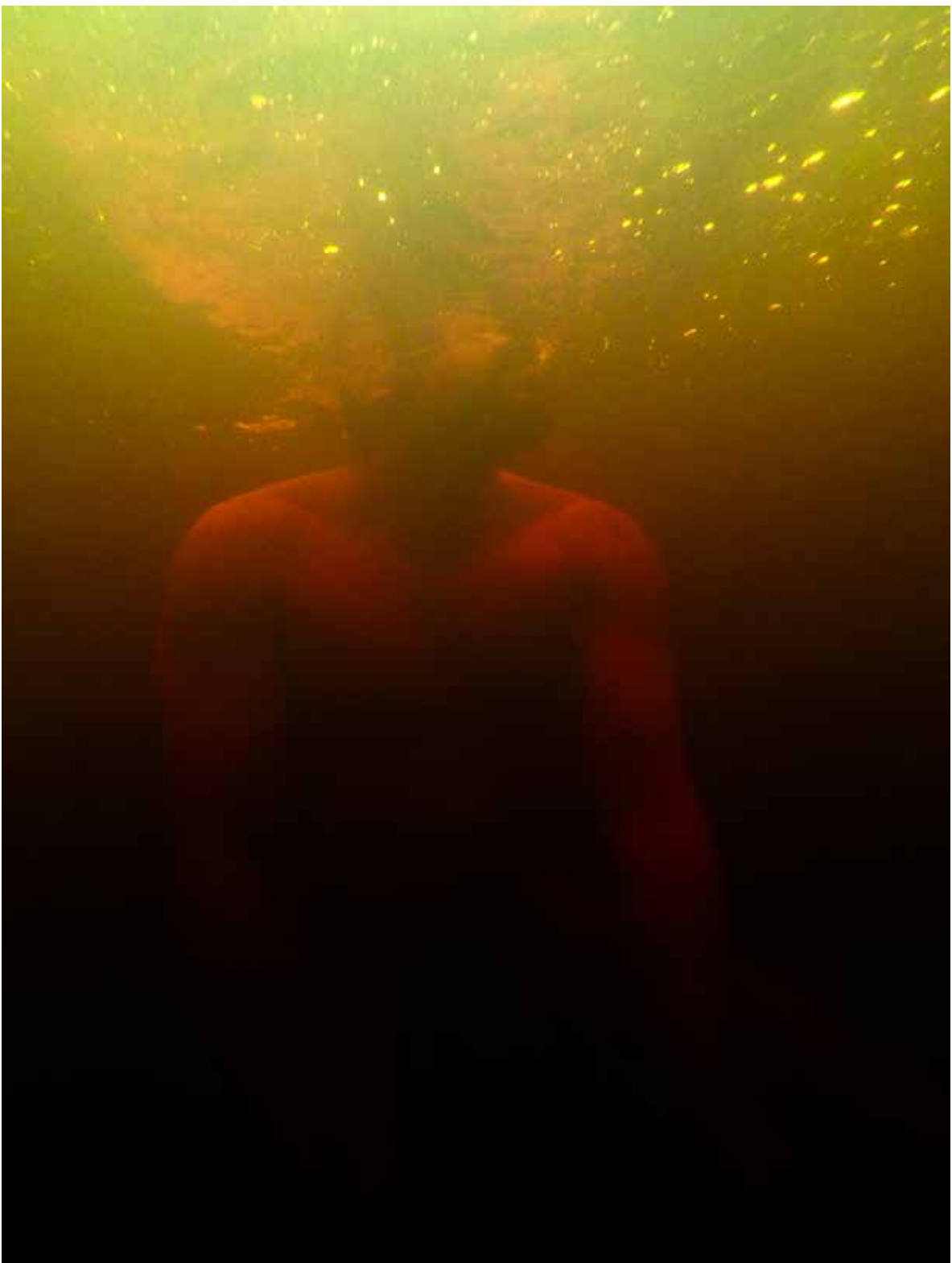
Desenvolve trabalhos com arte contemporânea sobre as várias camadas de representações que existem entre o ser humano e o ambiente. O objetivo é ampliar os limites que a sociedade denomina como real e o que cada um percebe, cria e vivencia como a sua realidade. Trabalha com fotografia, vídeo, instalação, performance, na construção de imagens manipuladas em ambientes naturais ou digitais, para propiciar ao espectador a dúvida se aquilo é uma ficção do que estamos vivendo ou um documento histórico do que ainda não havíamos percebido de nós mesmos. Em outras vertentes da arte, tem poesias e composições musicais publicadas e gravadas.

Recebeu o Prêmio Nacional do Festival FotoSururu/2020, Prêmio Nacional Rede Funarte de Artes Visuais/2014, o Prêmio Nacional Pierre Verger/2009, entre outros. Exposições individuais: Galeria de Arte da Uni.Fed.São João Del Rey/2022, Quadrum Galeria de Arte/Belo Horizonte 2013, Centro de Fotografia do Montevideo/2010, entre outros. Exposições Coletivas: Embaixada do Chile, Washington/2017; Casa Brasil, Rio de Janeiro/2016; SPArte, Pavilhão da Bienal/2012, entre outros. Livros publicados: Olho Mágico, Leonardo Costa Braga, Edição da Funarte/2015; Geração 00, A Nova Fotografia Brasileira, Eder Chiodetto, Sesc Edições/2011. Apenas para termos alguns dados científicos do problema, o Laboratório de Ecologia e Conservação da Universidade Federal do Pará, observou que 98% dos peixes coletados em nascentes e rios amazônicos estavam contaminados com algum tipo de plástico; em média cada espécie tinha seis pedaços de plásticos dentro do corpo. O Rio Amazonas, junção do Rio Negro com o Rio Solimões, quando chega no Oceano Atlântico despeja cento e cinquenta mil toneladas de resíduos sólidos, dos quais 80% são plásticos.



LEONARDO COSTA BRAGA (@leonardocostabraga),  
A Fábula das Bactérias de Plásticos do Rio Negro,  
Fotografia

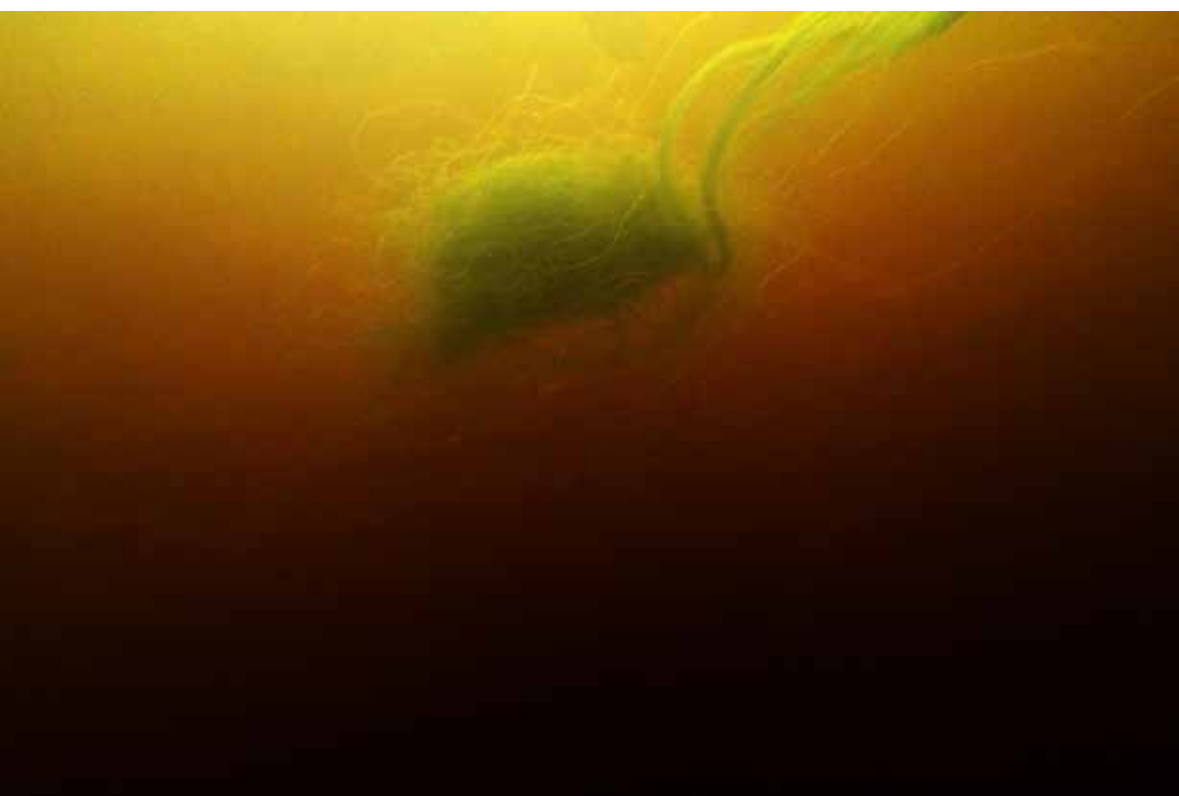












# Natany Rodrigues

(Parauapebas, Pará)

@natanyrsilva

## Marina e a Flor-da-lua na Amazônia

A flor-da-lua floresce na Amazônia apenas uma vez por ano, durante uma única noite, tornando este momento especial, encantador e misterioso. Sua breve existência ressalta o valor de se apreciar e proteger as maravilhas da floresta. As ilustrações de Margaret Mee, artista e botânica, servem de inspiração para a pintura que busca representar a importância de contemplar a Amazônia em toda a sua diversidade e beleza. Assim como a flor-da-lua, essas riquezas naturais são passageiras e merecem atenção e cuidado constante. Ao associar a imagem da flor com a de uma menina alegre, que parece florescer junto à flor-da-lua, reforça-se a ideia de que o momento de cuidar do futuro é agora. Permitir-se envolver pela natureza é essencial, pois ela clama por nosso cuidado e amor.

## Biografia

Sou professora de Arte formada pela UFPA, com experiência como formadora de professoras e docente no ensino fundamental e médio. Tenho mestrado em processos de criação em arte (2021-2023), pesquisando ilustração e narrativas de mulheres chamadas Maria, e atualmente faço doutorado focado em Poéticas Negras de artistas visuais paraenses. Como artista, exploro técnicas de pintura e desenho, inspirando-me nas belezas da flora amazônica e em potências femininas.



Natany Rodrigues (@natanyrsilva),  
Marina e a Flor-da-lua na Amazônia

# Aline Brant Bagre

(Paraty, Rio de Janeiro)

@aline.bagre

## Amanhã em Mim: Ressurgência Bordada

Sou parte do povo Goytacá, habitantes originários do litoral sudeste que foram caçados e chegaram a ser considerados extintos há séculos. Hoje, ao olhar para a Amazônia, vejo o mesmo roteiro de extermínio sendo reescrito pela ganância e pelo “progresso”. Nesta obra, utilizo a fotografia bordada com intervenção de miçangas e lantejoulas para criar uma segunda pele sobre meu autorretrato: uma camada bela e cintilante, mas artificial, dolorida, rígida e sufocante.

O uso desses materiais não é decorativo; é um manifesto político sobre o nosso destino. As lantejoulas refletem a luz, mas bloqueiam a respiração da imagem. Elas representam a “museificação” da vida e a dizimação transformada em souvenir. Seremos reduzidos a adereços folclóricos em vitrines de museus, admirados apenas pela estética do que fomos, enquanto nossa existência física é apagada? A obra apresenta meu rosto como um “artefato vivo”, uma resistência contra a fossilização da identidade indígena.

Esta criação dialoga com a urgência das pautas amazônicas ao trazer o testemunho histórico da Mata Atlântica como um alerta para a COP 30. O que aconteceu com os Goytacá — a transformação da vida em lenda e do território em recurso explorado — é o perigo iminente que ronda os povos do Norte. A relevância desta obra para o tema “A Amazônia é agora” reside na denúncia de que a floresta não pode virar lantejola: um recurso brilhante, vendável, mas morto. A minha arte grita que a Amazônia precisa continuar sendo sangue, terra e ar. Ao costurar o brilho frio sobre a pele quente, convoco o espectador e os decisores globais a escolherem: queremos preservar a vida pulsante ou nos contentaremos com o brilho póstumo de uma cultura extinta?

### Biografia

Eu sou Aline Brant (Aline Bagre), mulher indígena do povo Goytacá, mãe, artista visual e circense. Resido e atuo em Paraty (RJ), território de Mata Atlântica, onde minha prática artística se funde com a vivência comunitária e a defesa das memórias ancestrais. Minha trajetória é marcada pela busca incessante de reconexão com as “matas invisíveis” que habitam nosso imaginário e identidade, utilizando a arte como ferramenta de sutura entre o corpo e a natureza.

Minha pesquisa visual foca na intervenção manual sobre fotografia impressa, utilizando o bordado livre, miçangas e lantejoulas para ressignificar a imagem. Onde a fotografia captura o instante, o meu bordado insere o tempo lento, a persistência e a ancestralidade. Séries como “Transbordo” e “Senhorinha” exploram o feminino, o subconsciente e o apagamento histórico, tendo sido reconhecidas e publicadas internacionalmente (incluindo no livro francês *De fil an aiguille: la broderie d'art contemporain*).

Como mulher Goytacá — povo das águas e corredores do litoral sudeste, historicamente dizimado —, trago em meu trabalho a urgência de afirmar a presença indígena contemporânea. Minha arte não apenas retrata, mas “refloresta” simbolicamente os corpos e espaços, questionando as fronteiras geográficas que separam nossos biomas e nossas lutas.

Além das artes visuais, integro a Cia Bambulengo, onde atuo como palhaça e diretora artística. Neste espaço, utilizo a comicidade e a performance de rua como meios de democratização da arte e inclusão social, coordenando cortejos e oficinas que valorizam a cultura local e o riso como forma de resistência.

Nesta candidatura, apresento-me como uma artista que, situada fisicamente na Mata Atlântica, carrega a consciência de que a luta pela Amazônia é a luta pela integridade de todos os povos originários. Meu corpo-território é o suporte onde denuncio o apagamento e bordo a esperança de um futuro onde a natureza e a humanidade voltem a ser uma só.



Aline Brant Bagre (@aline.bagre),  
Amanhã em Mim:  
Ressurgência Bordada

# Ana Mundim

(Fortaleza, Ceará)

@mundim.ana

A presente imagem foi realizada em meio à floresta amazônica. Seu intuito é chamar atenção para a natureza que somos, buscando um híbrido entre o corpo humano e o corpo de outras espécies, para questionar o Antropoceno. A obra faz um convite para começarmos a projetar o porvir a partir de agora, rumo ao Simbioceno. Desse modo, ela reflete sobre as ações humanas em diálogo com o ambiente e coaduna com as discussões tratadas pela Cop 30.

## Biografia

Ana Mundim é multiartista e docente dos cursos de Pós-graduação em Artes e de Graduação em Dança da Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente é coordenadora dos Cursos de Graduação em Dança da UFC. Realizou estágio Pós Doutoral na Universitat de Barcelona (2018) e na UNICAMP (2023-2024).

Seus interesses de pesquisa são atravessados pelo corpospaço em movimento na Dança, a improvisação e o acaso como estruturas fundantes de experimentação, que interatuam com a Performance, as Artes Visuais e a Música. Desde 2010 coordena o grupo de pesquisa Dramaturgia do Corpospaço e o projeto de extensão Temporal- encontros de improvisação e composição em tempo real.

Desde 2022 desenvolve a metodologia Aqua Move de técnica-criação em dança na água. Realizou formações em nível I em Aguavida e Aguahara; em níveis I e 2 em Watsu e desde 2022 desenvolve a metodologia de dança aquática Aqua Move. Participou de encontros aquáticos como Contact and Flow (2018), Macacos Aquáticos (2019), Liquid Cosmos (2019), Habitat (2022), Project Limb (2022 e 2023). Possui certificação de freediving na piscina pela SSI (2024).

Como fotógrafa produziu as seguintes exposições: Na Pele (Uberlândia); Perpetua (Campinas); Ventanas (Uberlândia); Cartas Abertas ao Desejo (Exposições Coletivas Digitais Permitir o afeto e Se antes do fim..., no Maré Foto Festival; Fortaleza BNB / Galeria Mariana Furlani; Campo Grande - Casa Cor / Parque das Nações Indígenas; Goiás - Cineteatro São Joaquim;).

Integrou as seguintes exposições coletivas: Uberlândia - Múltiplos Olhares sobre a cidade; Sertão Imaginário - Qxas Festival; Miragem - Fotofestival Solar; Se antes do fim... e Permitir o afeto. - Maré Foto Festival; Meu inventário Verde.

Publicou o ensaio fotográfico Sobre Branco (Cause Magazine - edição Natureza - 2017). Foi selecionada para a convocatória Tempo Suspenso, uma iniciativa conjunta do Foto em Pauta, FotoRio, Solar Foto Festival, Doc Galeria, em 2020. Integrou o Salão de Abril 2021 (Fortaleza - Ceará), com a obra Chá de Cadeira. Participou do Fotofestival Solar, em 2022, na exposição coletiva Horizontes Desejantes, e na exposição coletiva Palimpsesto de Memórias com o grupo Imagem e Pensamento.

Em 2023 integrou a oitava edição do Laboratório Oma de Artes Visuais (SP) e o Experimental Photo Festival (Barcelona). Realizou a exposição individual Aquilo que habita em mim, na Casa de Vidro, em Campinas (SP) - 2024, no Museu da Cultura Cearense, em Fortaleza (CE) - 2025, no Sesc Tocantins, em Palmas (TO) - 2025, no Galpão do Qxas Festival, Quixadá (CE) - 2025.



Ana Mundim (@mundim.ana),  
Fotografia

# Crescer na terra

Crescer na terra, pisar no chão, arar o solo, cultivar, plantar, semear, germinar, comer, correr, revestir o corpo de folhas, registrar a majestosa natureza e os mundos verdes amazônicos de muitos tons poéticos e revolucionários. Neste eixo, a vida amazônica se apresenta através do contato entre artistas com as árvores, plantas, folhas e raízes, através de fotografias e fotoperformances. Como possibilidade à reflexão das questões que envolvem os direitos da floresta e a importância de sua conservação, diante da contínua destruição desse corpo de vidas.

**Artistas — Jul Sousa “Pé de Patoa”, Raphael Vieira “A (mono) cultura de Magritte”, Thalia Braga “Quando a Natureza Veste o Corpo”, Fernanda Fidelis “Coluna de vida”, Léo “Cultivar com respeito para crescer com consciência”.**

# JUL SOUSA

(Maceió, Alagoas)

## PÉ DE PATOÁ

Os corpos que vivem na floresta não estão nas mesas de negociação, mas são os que mais a protegem e os que mais sofrem com decisões tomadas longe dali. A floresta não é metáfora, é sustento, é alimento e neste momento Bê - o "Mateiro", assim são chamados os guardiões da floresta estava subindo no pé de Patoá para preparar o vinho de Patoá.

A presença humana de Bê não invade, ela compõe, habita, se adapta, se apoia. O ato de subir na árvore com uma corda é um saber ancestral, prática de coleta e sobrevivência, cuidado e coexistência. Existem pessoas que sabem viver, que se relacionam com o território sem destruí-lo, acredito que a imagem mostra a Amazônia como espaço vivo, não como cenário.

### Biografia

Juliana é multiartista com mais de 15 anos de atuação nas áreas de fotografia, cinema e design gráfico. Graduada em Publicidade e Propaganda, desenvolve trabalhos como fotógrafa, diretora de fotografia e produtora audiovisual, com projetos realizados no Brasil e em Moçambique.

No campo da fotografia, trabalha com produção autoral, institucional e corporativa. Suas obras foram exibidas em eventos como o Maré Foto Festival e o Festival V Theoria, e integraram publicações como o fotolivro *Artistas Fotógrafas em Alagoas* (2023). É integrante do Coletivo Lumaterna composto por mulheres e mães, cujo foco de atuação é experimentar técnicas de fotografia alternativa e discursar sobre maternidade.

Atualmente, integra a equipe de design gráfico da ONG IEUNI – Instituto Estrela Universal, contribuindo para projetos dedicados à preservação da Amazônia. Também empreende na SAVÁ, onde investiga técnicas de tingimento natural e impressão botânica, aplicando princípios de sustentabilidade em processos criativos. Entre seus trabalhos gráficos, destacam-se o selo Metis e a coleção Raízes do Saber.

Entre 2019 e 2020, foi instrutora de Artes Gráficas na ONG Ambrosina, integrando um projeto social voltado para meninas adolescentes. Sua trajetória é guiada pela valorização da memória, pelos saberes ancestrais e pelo compromisso com o impacto sociocultural e regenerativo por meio da arte.



JUL SOUSA,  
PÉ DE PATOÁ,  
Fotografia

# RAPHAEL VIEIRA VASCONCELOS

(Goiânia, Goiás)

@rvvfotografia

## A (MONO)CULTURA DE MAGRITTE

A obra utiliza a estética surrealista, evocada pelo nome do pintor René Magritte, para retratar o conflito entre o homem e a paisagem transformada pelo capital. A figura humana, de terno e maleta, representa o agente econômico ou o indivíduo moderno, enquanto o campo de monocultura seco e extenso simboliza a uniformidade produtiva e a exaustão da terra.

**Mensagem Principal** A alienação e a desumanização geradas pela lógica da comodidade (commodity). A cabeça coberta da figura sugere a perda de identidade, a incapacidade de "ver" a si mesmo ou o impacto da própria ação no ambiente. A monocultura não é apenas uma forma de produção; é uma monocultura de pensamento, que ignora a biodiversidade, a diversidade cultural e as consequências climáticas.

A obra estabelece um diálogo direto com o tema "Arte, Amazônia e seus Povos: A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!" ao confrontar o modelo que ameaça o bioma:

- Vetor de desmatamento e clima - o avanço da monocultura (especialmente grãos para exportação) é uma das maiores pressões sobre a Amazônia Legal e o Cerrado, sendo responsável pela conversão de vastas áreas de vegetação nativa. A obra traz essa paisagem de destruição implícita para o centro do debate.

- Sustentabilidade e soberania - o edital busca gerar reflexões sobre sustentabilidade, biodiversidade e os desafios climáticos. A fotografia questiona o custo real, ambiental e humano, da produção massiva de commodities, um tema que estará no cerne das discussões de financiamento e metas na COP 30 em Belém do Pará.

- Ameaça aos Povos - a expansão da fronteira agrícola representada na imagem implica no deslocamento e no conflito com os povos e comunidades da região, cujas culturas e modos de vida são incompatíveis com o modelo da monocultura.

Ao focar na crítica ao modelo de produção em larga escala, a obra de Raphael Vieira contribui para o debate artístico e político, instigando o espectador a refletir sobre a origem e o impacto do alimento e da riqueza que impulsionam o desequilíbrio ecológico e social na região amazônica.

### Biografia

Fotógrafo e artista visual baseado em Goiânia, Goiás, com uma atuação profissional desde 2017. Sua prática artística se concentra na intersecção entre o social, o ambiental e o patrimônio, buscando no registro fotográfico uma ferramenta potente para a reflexão sobre as transformações da paisagem e da cultura brasileira.

Raphael Vieira tem se dedicado a projetos que exploram criticamente o ambiente urbano e o rural. É criador do projeto "Relembrar", uma exposição que retrata o acervo Art Déco de Goiânia, demonstrando seu olhar aguçado para a memória e o impacto da arquitetura na identidade local.

Ainda que seu trabalho se origine no Centro-Oeste brasileiro, o artista se conecta diretamente com as grandes questões nacionais que repercutem globalmente, como o avanço da fronteira agrícola e seus desdobramentos. Através de sua lente, ele questiona as dinâmicas de poder e as consequências da monocultura extensiva – uma realidade que tem implicações diretas na crise climática e na devastação de biomas estratégicos, como o Cerrado e a Floresta Amazônica.

Sua fotografia busca provocar o espectador, muitas vezes utilizando o simbolismo e o surrealismo para tratar de temas como a alienação e a mercantilização da natureza. É neste contexto que ele submete a obra "A (MONO)CULTURA DE MAGRITTE", um ensaio visual sobre o homem contemporâneo em face da uniformidade produtiva e seus impactos socioambientais.



# Thalia Braga

(Altamira, Pará)

## Quando a Natureza Veste o Corpo

A obra apresenta um corpo que se funde à floresta por meio de elementos vegetais coletados no próprio território amazônico. O conceito central é o de corpo-território, no qual a pessoa não é separada da natureza, mas compreendida como parte essencial dela. Ao vestir folhas, galhos e texturas da mata, a performance expressa a ideia de que a Amazônia não é apenas um espaço geográfico, mas um organismo vivo que habita, protege e também é protegido pelos povos que nela existem.

A mensagem da obra dialoga com a urgência das pautas amazônicas ao evidenciar que a destruição da floresta é também uma destruição de corpos, histórias e modos de vida. O corpo coberto pela vegetação torna-se um símbolo de resistência frente ao avanço de políticas e práticas que ameaçam o meio ambiente, os povos tradicionais e a biodiversidade. A obra reforça que defender a Amazônia é, antes de tudo, defender vidas.

Sua relevância no tema "Arte, Amazônia e seus Povos" está na capacidade de transformar uma imagem em narrativa política e sensível. A performance usa a arte como linguagem para denunciar, sensibilizar e provocar reflexão sobre a responsabilidade coletiva diante da crise climática. Em um momento em que a COP30 coloca o mundo diante do desafio de proteger o maior bioma tropical do planeta, a obra reafirma a centralidade dos povos amazônicos como guardiões do território e propõe uma estética que reconhece a floresta como extensão do corpo humano.

Ao ocupar o espaço com um corpo-floresta, a criação estabelece um diálogo direto com a urgência climática, a soberania dos povos tradicionais, e a necessidade de colocar a Amazônia no centro das decisões globais. A obra, portanto, atua como gesto político, poético e ancestral, convocando o público a enxergar a Amazônia não como recurso, mas como sujeito vivo, que exige cuidado imediato e compromisso contínuo.

### Biografia

Tecnólogo em Gestão de Serviços Jurídicos e Notariais e graduada em Ciências Biológicas. Atuo como ativista desde os 15 anos, com participação em movimentos de mulheres negras, movimentos negros e iniciativas voltadas ao combate à violência, à desinformação, à LGBTQI+fobia e à transfobia.

Integro o ZarabatanalINFO, uma rede de comunicadores e ciberativistas que trabalha com informação segura e enfrentamento a narrativas de ódio.



Thalia Braga,  
Quando a Natureza Veste o Corpo,  
Fotografia



# Fernanda Fidelis

(Cuiabá, Mato Grosso)

@ferpakkj

## Coluna de vida

Ao encontrar a árvore registrada na fotografia, enxerguei nela uma verdadeira “Coluna de vida”, uma estrutura que sustenta, abriga e conecta tudo ao seu redor. O título nasce dessa percepção: assim como uma coluna mantém uma construção de pé, a Amazônia mantém em equilíbrio nosso clima, nossa cultura e nossa própria sobrevivência. A imagem expressa essa força vital que brota da natureza e nos lembra que dependemos diretamente dela.

No contexto do tema “Arte, Amazônia e seus Povos”, a obra reforça que a floresta não é apenas um cenário, mas um organismo vivo que molda modos de vida, memórias e identidades. A árvore-fonte, transformada em símbolo, evoca a ancestralidade dos povos amazônicos, que compreendem essa relação de interdependência há séculos. Assim, a fotografia traz à superfície uma mensagem de respeito e escuta: preservar a Amazônia é, antes de tudo, preservar sua gente. “Coluna de vida” dialoga com a urgência global de proteger o bioma diante das mudanças climáticas, do desmatamento e das pressões econômicas.

A fotografia se soma a esse debate ao afirmar que não existe futuro possível sem essa coluna natural que nos sustenta. A obra, portanto, é um chamado para que reconheçamos o papel vital da Amazônia e assumamos a responsabilidade coletiva de mantê-la de pé.

## Biografia

Assessora de Comunicação do Programa REM Mato Grosso. Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Mato Grosso (PPGCOM/UFMT), onde desenvolve pesquisa sobre iconologia de Mato Grosso, com foco na análise de elementos naturais na construção de materiais de comunicação para indígenas, povos e comunidades tradicionais. Integrante do Coletivo ÁudioZap Povos da Terra.



Fernanda Fidelis (@ferpakkj),  
Coluna de vida,  
Fotografia

# Léu

(Cacoal, Rondônia)

## Cultivar com respeito para colher com consciência

A obra nasce do entendimento de que a Amazônia não é apenas um bioma, mas um território vivo, habitado e construído por povos que carregam saberes ancestrais, modos de vida diversos e relações profundas com a terra. O conceito central é revelar a força desses vínculos e evidenciar como a arte pode ser uma linguagem de resistência, cuidado e memória em meio às ameaças que recaem sobre a região.

Por meio da imagem, a obra destaca o gesto de cultivar seja a terra, a cultura ou a própria identidade como símbolo de continuidade e resistência. É um convite para olhar para a Amazônia a partir de dentro, através das mãos que plantam com consciência e sustentam a vida no território. A mensagem principal é simples e poderosa: Cultivar com sabedoria é cuidar da Amazônia e das pessoas que a mantêm de Pé.

## Biografia

O Narrativas Amazônicas é um coletivo que nasce com a missão de incentivar e fortalecer a Cultura, a Comunicação, a Arte e o Meio Ambiente no território amazônico rondoniense. Nossa atuação parte do entendimento de que contar histórias é também cuidar do território, valorizar as pessoas e defender modos de vida que resistem e florescem na Amazônia.

Somos um coletivo formado por comunicadores, artistas e ativistas que acreditam na comunicação comunitária, na imagem e na memória, na arte e na cultura como caminhos de transformação social e ambiental. Atuamos de forma colaborativa, criando espaços de diálogo que aproximam comunidades, ampliam vozes e revelam outras formas de olhar, sentir e comunicar a Amazônia sempre a partir de quem vive e constrói o território no dia a dia.

Nossa ação busca semear conexões entre campo e cidade, tradição e inovação, memória e futuro. O Coletivo Narrativas Amazônicas acredita que cada história contada é uma semente e, quando germina, ela transforma, mobiliza e reafirma que a Amazônia é feita de gente, diversidade e vida pulsante.



Léu,  
Cultivar com respeito  
para colher com consciência,  
Fotografia

# Sonhos em movimento

Tudo começa por um sonho, a reivindicação por transformações e as mudanças coletivas são sonhadas pelo povo. A luta pelo território amazônico, segue por justiça climática, combate ao racismo ambiental, justiça social, justiça territorial, soberania alimentar, direitos da natureza e transição justa, pela vida das populações negras, indígenas, quilombolas e periféricas. Neste eixo, através de fotografias, pinturas e desenhos, encontramos a esperança, o afeto, a força e as articulações em defesa da continuidade das vidas que pulsam nas Amazôniaas, através da sensibilidade das/os artistas presentes na exposição.

**Artistas — Vinny Batista “Caravana ancestral rumo à COP30”, Luan Matheus Santos “Gritaria gráfica - a marcha das tintas na COP”, Daniel Leandro “Luz da Floresta: Narrativas Fotográficas da Vida Ribeirinha de São Francisco do Caramuri”, Jimmy Rus “Marco temporal”, Alícia Bianca “A Ferida de Kopenawa”.**

# Vinny Batista

(Manaus, Amazonas)

@bat.vinny

## Caravana ancestral rumo à COP30

Um retrato da COP30 é o movimento fora dos espaços oficiais. Povos indígenas que se deslocaram de longe para proteger seus territórios, em busca de seus direitos. Nessas viagens, eles enfrentam dificuldades, mas, mesmo assim, se mantêm fortes. São viagens longas, que duram de 9 a 15 dias. É preciso que haja consciência sobre esse deslocamento.

## Biografia

Artivista climático, amazônida, pansexual nascido no Amazonas. Em meus trabalhos procuro comunicar a realidade dos povos indígenas e retratar a cultura regional. Trabalho com fotografia, design e pinturas.



Vinny Batista (@bat.vinny),  
Caravana ancestral rumo à COP30,  
Fotografia

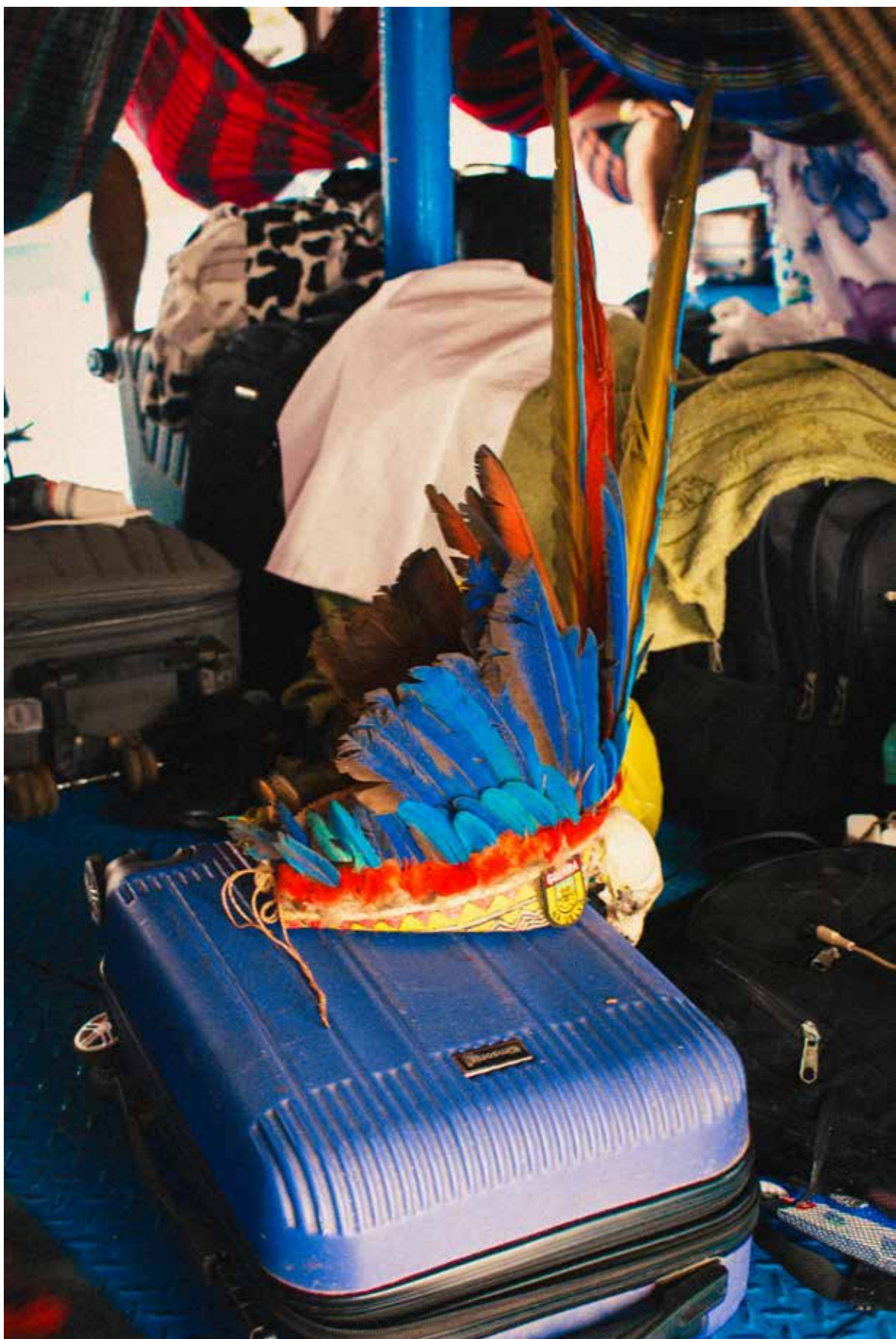












# LUAN MATHEUS SANTOS

(Timon, Maranhão)

## Gritaria gráfica - a marcha das tintas na COP

A obra nasce no coração pulsante da Cúpula dos Povos, em Belém, no dia 15 de novembro de 2025 — um momento em que a Amazônia se torna o centro do mundo, não por sua abundância, mas pela urgência que ela representa. As fotografias registram a Marcha Global pelo Clima como uma grande travessia coletiva: povos indígenas, quilombolas, ribeirinhos, juventudes, ativistas e trabalhadores urbanos caminham lado a lado, transformando indignação em linguagem visual.

“Gritaria Gráfica – a marcha das tintas na COP” é um retrato da força visual que tomou as ruas de Belém durante a Marcha Global pelo Clima. Em meio à urgência da COP, as vozes dos povos da Amazônia, das juventudes, das comunidades tradicionais e dos movimentos sociais se transformaram em cores, traços e palavras que ocupavam cada centímetro da avenida. Era uma gritaria feita de tinta: cartazes caseiros, faixas improvisadas, símbolos ancestrais e mensagens em várias línguas formando uma paisagem vibrante, quase caótica, mas absolutamente necessária. Essa “poluição visual” desafiava a verdadeira poluição — a dos fósseis que sufocam o planeta — e mostrava que, quando os povos marcham juntos, a arte vira resistência e a rua se torna o maior painel de denúncia climática do mundo.

Os cartazes — escritos em línguas diversas, grafias diversas, cores diversas — refletem uma mensagem comum: não há mais tempo. Cada imagem captura um fragmento dessa polifonia, em que a arte espontânea das ruas e a força política das vozes se misturam, dando corpo à percepção de que a crise climática não é uma ameaça distante, mas um presente que exige respostas imediatas.

O fotojornalismo aqui se transforma em ponte: entre o olhar do mundo e a resistência cotidiana da Amazônia; entre a dureza dos dados científicos e a beleza da mobilização popular; entre a urgência das negociações da COP 30 e a sabedoria ancestral dos povos que defendem a floresta há séculos.

A relevância da obra está justamente na forma como ela revela — com afeto, rigor e presença — que a solução para a crise climática não virá apenas dos acordos internacionais, mas da força dos povos indígenas, do conhecimento quilombola, da experiência das comunidades tradicionais e da pressão da sociedade civil organizada.

Cada fotografia, portanto, é um testemunho e um chamado: um lembrete de que a Amazônia está viva, que seus povos levantam a voz, e que o mundo precisa escutar antes que o silêncio se torne irreversível.

### Biografia

Jornalista, educador popular, realizador audiovisual e doutorando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFC (PPGCOM-UFC). Mestre em comunicação social pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação Social da UFPI (PPGCOM - UFPI) e Especialista em Marketing e Mídias Digitais pela Faculdade Ademar Rosado (Pós FAR).

Atualmente integra a Rede Nacional de Proteção a Jornalistas e Comunicadores e a Coordenação Geral da Plataforma Ocorre Diário. Tem experiência na área de comunicação digital, telejornalismo e jornal impresso, atuando com ênfase nos direitos humanos, pensamento decolonial, jornalismo on-line e dispositivos móveis, comunicação popular e comunitária.



LUAN MATHEUS SANTOS,  
Gritaria gráfica - a marcha das tintas na COP,  
Fotografia

ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:



61

A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!







ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:



64 A Amazônia é agora! A Amazônia somos nós!



ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:







# Daniel Leandro/ACASFC

(Comunidade São Francisco do Caramuri, Manaus, Amazonas)

@caramurisustentavel

## Luz da Floresta: Narrativas Fotográficas da Vida Ribeirinha de São Francisco do Caramuri

Luz da Floresta: Narrativas Fotográficas da Vida Ribeirinha é uma obra que nasce da urgência do tempo presente e da resistência silenciosa dos povos que vivem a Amazônia no cotidiano. Por meio da fotografia documental, a série revela a força, a fragilidade e a dignidade das famílias ribeirinhas da Comunidade São Francisco do Caramuri diante de um cenário marcado por secas severas, escassez de água e desafios crescentes para o escoamento da produção da agricultura familiar — impactos que já são consequência direta das mudanças climáticas discutidas na agenda da COP30.

As imagens retratam mais do que paisagens alteradas pela estiagem: apresentam rostos, gestos e trajetórias de mulheres, homens, jovens e crianças que reinventam diariamente formas de viver, plantar, navegar e sobreviver quando o rio, antes abundante, se retrai e deixa expostos os caminhos invisíveis da floresta. São fotografias que capturam o esforço das famílias para acessar água potável, transportar alimentos, proteger suas roças e manter viva a cultura ribeirinha mesmo quando a natureza, afetada por um clima extremo, impõe novos desafios.

O conceito da obra se assenta em três pilares: visibilidade, resistência e florestania. Visibilidade, porque coloca em foco um território que raramente é retratado na centralidade dos debates climáticos. Resistência, porque mostra que os povos da Amazônia não são vítimas passivas, mas agentes que criam soluções, reinventam trajetórias e mantêm a vida pulsando mesmo nos momentos de maior adversidade. E florestania, porque cada fotografia reafirma que a identidade ribeirinha é inseparável da floresta, do rio, do território e das relações profundas entre pessoas e natureza.

A mensagem central da obra é simples e, ao mesmo tempo, urgente: a crise climática já está acontecendo na Amazônia — e os primeiros a sentir seus efeitos são justamente aqueles que mais protegem a floresta. Ao trazer a experiência real vivida no Caramuri, a obra provoca o público a reconhecer que os povos amazônicos são protagonistas do cuidado ambiental e que suas narrativas precisam ser colocadas no centro das decisões globais discutidas na COP30.

Em diálogo com o tema "Arte, Amazônia e seus Povos", a série fotográfica transforma a dor e a luta das comunidades ribeirinhas em arte, sensibilidade e denúncia. As imagens convidam o público a enxergar a Amazônia para além do imaginário distante e romantizado: aqui, a floresta é luz, mas também é escassez; é berço de vida, mas também território em disputa; é beleza, mas também alerta.

Assim, "Luz da Floresta" se torna um chamado — estético, político e humano — para que a Amazônia seja vista, respeitada e defendida não apenas nos discursos, mas nas ações concretas. As fotografias revelam que preservar a floresta significa proteger seus povos, suas águas, seus modos de vida e suas histórias, especialmente diante do futuro climático que se aproxima.

## Biografia

A Associação Comunitária Agrícola São Francisco do Caramuri (ACASFC) é uma organização ribeirinha localizada na Comunidade São Francisco do Caramuri, zona rural de Manaus, cujo propósito central é fortalecer o desenvolvimento sustentável, cultural e socioeconômico das famílias amazônicas que vivem às margens dos rios e da floresta. Fundada pela própria comunidade, a ACASFC atua como uma instituição guardiã do território, da cultura local e das práticas tradicionais que conectam as pessoas à floresta, à agricultura familiar, à arte e ao modo de vida ribeirinho.

A missão da ACASFC é promover o bem-viver comunitário, articulando iniciativas que integrem sociobiodiversidade, cultura, identidade ribeirinha e sustentabilidade ambiental. A associação busca garantir que as famílias tenham condições dignas de trabalho, renda, educação, cuidado ambiental e fortalecimento de seus saberes e expressões culturais.

No campo da cultura, a ACASFC enxerga a arte como uma força viva que nasce do território: seja nos cantos tradicionais, nos saberes das mulheres, nos modos de plantar e colher, nas histórias dos antigos, nos rituais comunitários, nos festejos ou nas práticas colaborativas que estruturam a vida coletiva. A associação trabalha para valorizar e transmitir essas expressões, especialmente entre as crianças, jovens e mulheres — grupos que carregam o futuro da identidade ribeirinha.

A atuação da ACASFC também se baseia no fortalecimento da autonomia comunitária, articulando projetos de educação ambiental, agricultura e Agrofloresta, empreendimento sustentável, manejo comunitário, tecnologias sociais, formação de lideranças e iniciativas voltadas à segurança alimentar. Todas essas ações mantêm uma relação direta com a cultura amazônica: a cultura de cuidar da terra, produzir com respeito, aprender com a floresta e celebrar o que a sociobiodiversidade oferece.

No contexto a ACASFC apresenta-se como uma Instituição que reconhece a arte como instrumento de resistência, memória e transformação social. A associação vê a arte não apenas como expressão estética, mas como parte da vida ribeirinha: ela está presente na produção artesanal, na culinária tradicional, nos modos de construir, nas narrativas orais, nos cantos religiosos, nos festejos de santo, na coleta e no beneficiamento dos frutos da floresta — tudo isso expressando territorialidade e pertencimento.

Ao longo de sua atuação, a ACASFC tem fortalecido parcerias com instituições públicas, universidades, organizações sociais e coletivos culturais para promover ações que unem arte, natureza, educação, cultura e sustentabilidade. Seu trabalho é guiado pelo princípio de que preservar a Amazônia significa também preservar seus povos, seus saberes, seus modos de viver e suas múltiplas manifestações culturais.

A ACASFC se apresenta, portanto, como uma organização comprometida com a proteção da vida ribeirinha, a valorização da identidade amazônica e o fortalecimento da cultura comunitária como base para um futuro sustentável na Comunidade São Francisco do Caramuri.



Daniel Leandro/ACASFC  
(@caramurisustentavel),  
Luz da Floresta: Narrativas  
Fotográficas da Vida Ribeirinha  
de São Francisco do Caramuri  
Fotografia











# Jimmy Rus

(Uberlândia, Minas Gerais)

## Marco Temporal

A obra Marco Temporal foi produzida dentro da linguagem das Histórias em quadrinhos, onde procurei abordar temas socioambientais e políticos de maneira simbólica e crítica. Na imagem, que trata do debate sobre o Marco Temporal, o principal elemento visual — a mão indígena erguendo um maracá — funciona como um símbolo de resistência, ancestralidade e legitimidade territorial. O fundo em cores intensas, contrastado pela silhueta da floresta e do horizonte, reforça a tensão entre ameaça e sobrevivência.

O conceito central da obra nasce da pergunta “Quem são os verdadeiros ‘donos’?”, apontando diretamente para a importância dos povos originários como guardiões históricos da Amazônia. A proteção da floresta não é apenas uma questão ambiental, mas também de justiça social, reconhecimento cultural e reparação histórica.

No contexto da COP 30, a obra ganha relevância ao dialogar com a urgência das pautas amazônicas: a preservação dos biomas, o enfrentamento às políticas de retrocesso, o combate à apropriação indevida de terras e a valorização dos saberes indígenas.

Assim, minha criação além de fazer um resgate pessoal, visto que tenho uma bisavó de origem indígena, atua como um convite para que o observador reflita sobre a relação indissociável entre Amazônia, cultura indígena e crise climática. A arte, nesse caso, funciona como ferramenta de denúncia, memória e educação, ajudando a ampliar o debate público e reforçando que o caminho para a sustentabilidade global passa necessariamente pelo reconhecimento e pelo respeito aos povos originários.

## Biografia

Evânio Bezerra da Costa, conhecido artisticamente como Jimmy Rus, é um artista visual, cartunista, escritor, produtor cultural, editor e educador cujo trabalho se consolidou ao longo de mais de duas décadas na cena cultural de Uberlândia/ MG.

Formado em Artes Plásticas (Visuais) pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU), com habilitações em Licenciatura e Bacharelado, e pós-graduado em Gestão Cultural e Indústria Criativa pela PUC-Rio, Jimmy iniciou sua trajetória explorando o desenho, a gravura e as linguagens da arte sequencial, utilizando os quadrinhos não apenas como expressão artística, mas como ferramenta crítica, pedagógica e de construção de repertório visual.

Entre suas realizações destaca-se a criação e manutenção da Revista O.Q de Quadrinhos, publicação independente surgida no ano de 2009. Com o lema “Incentivando sonhos e produzindo HQs”, a revista/coletânea vem, há 16 anos, se consolidando como uma plataforma de acesso a artistas iniciantes ao universo da publicação impressa de HQs, e suporte a manutenção de artistas já consagrados, os quais são publicados na revista.

Paralelamente ao trabalho editorial, Jimmy Rus consolidou-se como cartunista e roteirista, publicando tiras, cartuns e narrativas visuais em blogs, redes sociais e periódicos impressos. Sua produção combina humor, crítica social, sensibilidade poética e referências culturais brasileiras, transitando entre temas cotidianos e reflexões mais amplas sobre política, arte e sociedade. Essa versatilidade também se revela em sua atuação como escritor de poesia e contos, com participação em antologias literárias.

Como educador, Jimmy atua há 21 anos no ensino de arte, sendo professor efetivo na rede municipal de ensino de Uberlândia/MG.

Como produtor cultural, desenvolve oficinas, cursos livres e conteúdos pedagógicos que aproximam estudantes do universo das HQs. E de sua autoria e responsabilidade o Curso Itinerante O.Q de Quadrinhos mantido (com algumas interrupções) voltado a crianças e jovens de bairros periféricos.

Atuando com a produção cultural e como artista multidisciplinar, nos últimos anos vem conquistando alguns prêmios e homenagens onde se destacam:

Menção Honrosa AfroAtitude (2022) – concedida pela Secretaria Municipal de Cultura e Turismo de Uberlândia em celebração à Consciência Negra, em reconhecimento a iniciativas em prol da igualdade racial.

Prêmio Território Criativo (2023) – recebido durante a V Semana de Economia Criativa de Uberlândia, promovida pelo Balaio Cultural em parceria com a TV Paranaíba, pelo trabalho com a Revista O.Q de Quadrinhos.

Prêmio de Agentes e Espaços Culturais (2023) – concedido pela Lei Paulo Gustavo (Edital 025/2003), que possibilitou a produção da edição nº10 da Revista O.Q de Quadrinhos, lançada em setembro de 2024.

Acadêmico efetivo da Academia de Letras de Uberlândia (2025) – membro fundador desde 10/09/2025, ocupando a cadeira nº 27 (patrono Zivaldo).

Hoje, Jimmy Rus é visto como uma referência local: um artista que equilibra criação, formação, produção editorial e articulação cultural. Sua trajetória evidencia a força do trabalho contínuo e independente, construindo redes, abrindo caminhos e fortalecendo a cena de HQs de Uberlândia de maneira orgânica, colaborativa e persistente. Em cada projeto, Jimmy reafirma o papel do artista não apenas como criador de imagens, mas como agente transformador dentro da vida cultural da cidade.

## Estranhos Contos da Corte



Jimmy Rus,  
Marco Temporal,  
Quadrinho

# Alícia Bianca

(Boa Vista, Roraima)

@fabricadedesenhos\_rr

## A Ferida de Kopenawa

Nesta obra, a figura xamânica é usada como metáfora viva da floresta e de seu espírito. O pajé, guardião entre o mundo visível e o mundo espiritual, torna-se, aqui, a própria tela onde a dor da terra se manifesta.

O fogo, que devora os matos e lavrados de Roraima, aparece como uma ferida aberta no peito. Não é apenas a natureza que queima: é a memória, a ancestralidade, a tradição, a espiritualidade. A chama atravessa o corpo do guardião para mostrar que, quando a floresta sofre, o povo sofre com ela.

A lágrima que desce pelo rosto carrega o peso de séculos de sabedoria ameaçada. É o choro dos que veem, sentem e protegem, mas também dos que são feridos pela destruição que não provocaram.

"A Ferida de Kopenawa" é um grito de memória e um apelo imediato por justiça climática, dialogando diretamente com o tema do concurso. Ao nos mostrar que a dor da floresta está gravada no corpo do Pajé, a arte afirma: "A Amazônia somos nós!" Proteger o povo, a cultura e a sabedoria ancestral são o único caminho para curar a ferida da Terra-Floresta. A obra é um chamado à ação, refletindo a urgência do "A Amazônia é agora!" no contexto da COP 30.

Esta obra é um manifesto visual que personifica o sofrimento e a resistência da Amazônia através da figura de Davi Kopenawa Yanomami, o Xamã, líder e guardião da floresta.

O coração em chamas, no centro do peito, simboliza a ferida profunda causada pelo garimpo ilegal, pelos incêndios e pela invasão do território Yanomami. Não é apenas uma ferida na terra, mas um dano direto à alma e à essência do povo.

A lágrima e a expressão de dor de Kopenawa, contrastando com a força do urucum (a pintura de luta e proteção) e o maracá/lança (instrumentos de cura e defesa), traduzem a urgência da situação.

O coração ferido simboliza o impacto do garimpo ilegal (especialmente na Terra Indígena Yanomami), do desmatamento e das queimadas, que são as maiores ameaças à Amazônia. A obra coloca o sofrimento indígena no centro do debate climático.

Ao ligar a saúde do corpo do xamã à saúde da Terra, a obra reforça a visão indígena da interconexão entre natureza e humanidade.

A figura de Kopenawa, em postura de luta e resistência (com a lança e o maracá), simboliza o protagonismo indígena como a linha de frente da defesa ambiental. A obra lembra que proteger os povos é a forma mais eficaz e urgente de proteger a floresta contra o desmatamento e o aquecimento global, validando a visão de mundo indígena na busca por soluções climáticas.

## Biografia

Artista plástica autodidata, artesã, nascida em Boa Vista – Roraima. Iniciou na arte aos 12 anos e, atualmente, é acadêmica de Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Roraima.

No decorrer de sua trajetória, desenvolveu diferentes técnicas e estilos, transformando a arte contemporânea em um processo criativo que conecta identidade cultural, memória afetiva e paisagem amazônica. Conquistou 18 premiações em concursos de desenho em níveis regional, nacional (São Paulo e Rio de Janeiro) e internacional (Portugal e Itália).

Suas obras já ilustraram o Estatuto da Criança e do Adolescente de Roraima (em português e espanhol), além de livros de ficção e materiais editoriais. Em 2025, tornou-se a mais jovem imortal da Academia de Literatura, Arte e Cultura da Amazônia (ALACA), ao assumir a cadeira nº 329. Em outubro de 2025 foi premiada com a comenda honorífica medalha Pena de Ouro, na categoria Criação Cultural e Artística, concedida pela Academia de Literatura, Arte e Cultura da Amazônia.

Sua produção visual reflete a alma nortista: viva, ancestral e resistente.



Alícia Bianca (@fabricadedesenhos\_rr),  
A Ferida de Kopenawa

EXPOSIÇÃO

# ARTE, AMAZÔNIA E SEUS POVOS:

A Amazônia é agora!  
A Amazônia somos nós!

ARTIGO<sup>19</sup>

DEFENDENDO A LIBERDADE DE  
EXPRESSÃO E DE INFORMAÇÃO

[artigo19.org](https://artigo19.org)